UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS BRAGANÇA – CBRAG
FACULDADE DE HISTÓRIA - FAHIST

ADRIANA FARIAS RIBEIRO

HISTÓRIA E GÊNERO NO 6ºANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NA IDADE MÉDIA.

Augusto Corrêa, PA.
2024

ADRIANA FARIAS RIBEIRO

HISTÓRIA E GÊNERO NO 6ºANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NA IDADE MÉDIA.

HISTORY AND GENDER IN THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: AN ANALYSIS OF THE PEDAGOGICAL APPROACH TO THE ROLE OF WOMEN IN THE MIDDLE AGES.

Artigo científico apresentado a faculdade de história-FAHIST, da Universidade Federal da Pará, como título de conclusão de curso de licenciatura em História.

Orientador: Prof. THIAGO PORTO.

Augusto Corrêa, PA.

2024

ADRIANA FARIAS RIBEIRO

HISTÓRIA E GÊNERO NO 6ºANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NA IDADE MÉDIA.

Artigo científico apresentado ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Pará-UFPA, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em História.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

Bragança-PA _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

_____

(orientador)

_____

(examinador)

_____

(examinador)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, a Deus por toda força coragem durante esse processo. Agradeço à meu orientador, Thiago Porto, pela orientação, apoio e incentivo ao longo deste processo, seu conhecimento e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Também gostaria de agradecer à minha família, minha mãe Arlinda, uma senhora guerreira que me ensinou lutar por meus sonhos, e meu companheiro de vida, Marcelo, pelo apoio incondicional e pela compreensão durante os momentos dedicado, pois suas palavras de encorajamento foram essenciais para manter minha motivação. Agradeço também o professor da entrevista, Alcides Junior, e aos professores e colegas do curso de história que contribuíram com ideias e sugestões valiosas durante as discussões sobre este tema. E agradeço a Universidade Federal do Pará, que me acolheu. Por fim, gostaria de agradecer a todas os envolvidos que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, pois, sem a colaboração de vocês, este trabalho não teria sido possível, "Gratidão é a memória do coração." - Jean-Baptiste Massieu.

HISTÓRIA E GÊNERO NO 6ºANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NA IDADE MÉDIA.

RESUMO

Esse artigo examina o contexto das mulheres no ensino de história do 6° ano, com foco na Idade Média. Baseando-se nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual instrui o ensino, a pesquisa faz uma análise crítica de livros didáticos publicados entre 2020 e 2024, identificando como esses materiais tratam o papel feminino, e inclui uma entrevista com o professor Alcides Junior, que reflete sobre as possibilidades de reformular o ensino da história das mulheres. O estudo revela que, frequentemente, são retratadas de forma estereotipada ou suas contribuições são negligenciadas. Além disso, o trabalho dialoga com autores sobre gênero na Idade Média, propondo uma nova perspectiva pedagógica que valorize a diversidade das experiências femininas e promova uma abordagem crítica e inclusiva ao ensino, e incentivando futuras pesquisas nessa área.

Palavras-chave: Ensino de História, Idade Média, Gênero, Base Nacional Comum Curricular(BNCC), Livros Didáticos.

HISTORY AND GENDER IN THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: AN ANALYSIS OF THE PEDAGOGICAL APPROACH TO THE ROLE OF WOMEN IN THE MIDDLE AGES.

ABSTRACT

This article examines the context of women in the teaching of 6th grade history, focusing on the Middle Ages. Based on the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC), which guides teaching, the research makes a critical analysis of textbooks published between 2020 and 2024, identifying how these materials address the role of women, and includes an interview with Professor Alcides Junior, who reflects on the possibilities of reformulating the teaching of women's history. The study reveals that they are often portrayed in a stereotypical way or their contributions are neglected. In addition, the work engages with authors on gender in the Middle Ages, proposing a new pedagogical perspective that values the diversity of female experiences and promotes a critical and inclusive approach to teaching, and encourages future research in this area.

Keywords: Teaching of History, Middle Ages, Gender, National Common Curricular Base (BNCC), Textbooks.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 8

3 MÉTODOS.....13

3.1 BNCC E A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS DO ESTUDO MEDIEVAL 14

3.2 ANALIZES DOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6°ANO SOBRE A SEXUALIDADE NA IDADE MÉDIA.....16

3.3 QUESTIONAMENTO ABORDADO AO PROFESSOR SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL BASEADO NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER 21

4 DISCUSSÃO: INTERSEÇÕES ENTRE BNCC, LIVROS DIDÁTICOS E PRPROFESS. 23

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 25

6 REFERÊNCIAS 27

1 INTRODUÇÃO

A imagem feminina na história medieval é um tema de significativa importância para a educação histórica, especialmente no contexto do 6° ano do Ensino Fundamental Maior. Este período da educação básica é crucial para o desenvolvimento da compreensão histórica dos alunos, e a maneira como as mulheres são retratadas pode influenciar profundamente suas percepções sobre seu papel na história. Este trabalho se propõe a analisar como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os livros didáticos e o professor abordam o tema na história medieval, identificando possíveis lacunas e pontos fortes. O problema central do estudo é a discrepância entre as diretrizes curriculares e a imagem feminina encontrada nos materiais didáticos. Como as diretrizes se traduzem nos livros didáticos? E na prática docente? Sendo assim, os objetivos gerais do estudo são analisar como o sexo feminino é visto na história medieval conforme abordado pela BNCC e pelos livros didáticos do 6° ano, e avaliar a percepção do professor, e além desses, por meio também da visão de autores que ao longo venham discutindo esse novo olhar sobre as mulheres da Idade Média.

> A história medieval, que durante muito tempo foi considerada um período de estagnação e obscurantismo, tem se mostrado na historiografia contemporânea enquanto um contexto histórico repleto de complexidades, que merecem nossa atenção. Por fim, vale ressaltar que é necessário que o campo da história das mulheres seja mais abordada ao longo das aulas, em diferentes conteúdos, para que assim, as mulheres sejam reconhecidas enquanto sujeitos ativos e transformadores dos processos históricos. (LIMBERGER & SCHWENGBER. 2020. p.143-144.)

Por muito tempo, a Idade Média foi vista como um período de pouca evolução e ignorância. Além disso, a história das mulheres deve ser mais explorada nas aulas, em diversos temas, para que elas sejam reconhecidas como participantes ativas e transformadoras dos eventos históricos, e não apenas como figuras secundárias ou passivas. A idade Média é um campo de estudo que se cerca de importantes fatos que ainda impactam a maneira de olhar para o mundo contemporâneo, e ao olhar para as mulheres desse período, nos deparamos com uma realidade próxima da nossa, tanto no contexto histórico quanto educacional, questionar o passado e

ressignificar o ensino de história é um papel desafiador para as presentes e futuras gerações, onde cabe ao educador traçar uma nova linha de estudos que permita a diversidade que pode atribuir em suas aulas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A imagem feminina na história é amplamente discutida na literatura acadêmica, com foco na forma como são vistas e frequentemente omitidas ou distorcidas em narrativas predominantes. Na Idade Média, o ensino estava intimamente ligado à igreja e à doutrina cristã, com as escolas sendo geralmente controladas ou influenciadas pela Igreja. O currículo escolar incluía ensinamentos religiosos e morais, e a educação era vista como uma forma de promover a fé e a obediência à autoridade religiosa. Em meio a esse diálogo, a autora Marta Silveira no texto "A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa." discute a influência da transmissão de gênero romantizado no período medieval destacando o papel inferior e subalterno atribuído às mulheres nesse contexto.

> Em se tratando de um período histórico como a Idade Média, entendido por vezes através das brumas de um olhar estereotipado, o livro didático torna-se, na maioria das vezes, para o professor, a única fonte de informação considerada confiável para o estudo deste contexto. No entanto, conforme avançam as pesquisas que tomam os livros didáticos como fontes de análise, torna-se claro que a imagem da Idade Média neles construída ainda carece de reformulação, ou mais precisamente, nota-se a necessidade de que o diálogo entre o saber produzido na academia e o disposto nas obras didáticas seja intensificado e atualizado. Tal aprofundamento poderia auxiliar na construção da noção de indivíduo, das relações de gênero e levar o estudante a refletir sobre o papel político, econômico, social e cultural desempenhado pelas mulheres na Idade Média pode em muito contribuir para a elaboração da identidade feminina contemporânea e da continuidade das mulheres na luta pela preservação de direito já adquiridos e na conquista de novos. (SILVEIRA, 2017 p. 81.)

A autora discute a representação da Idade Média nos livros didáticos e a necessidade de revisão dessa imagem generalizada. Destaca que os livros didáticos muitas vezes são a principal fonte de informação dos professores sobre o período, mas que esse olhar ainda carece de atualização e aprofundamento. Com isso, sugere que é importante estabelecer um diálogo mais intenso entre a pesquisa acadêmica e o conteúdo dos livros didáticos, de forma a atualizar e enriquecer a forma como o medievo é apresentado aos estudantes. Sendo assim, a reflexão sobre o papel político, econômico, social e cultural que desempenharam na Idade Média pode

contribuir significativamente para a compreensão da identidade feminina contemporânea e para a continuidade da luta de mulheres pelos direitos conquistados e novos direitos.

O resgate da imagem feminina na Idade Média envolve também questionar a visão estereotipada e simplificada presente nos textos didáticos, que muitas vezes as retratam como sombra dos homens. Essa problemática reflete a maneira como a mulher foi marginalizada e subestimada, contribuindo para a ideias de estereótipos e para compreensão distorcida na sociedade medieval. A forma como a história é ensinada pode ter um impacto significativo em como são percebidas não apenas no passado, mas também no presente. Ao retratar as mulheres medievais como inferiores ou subalternas, os livros didáticos podem contribuir para a desigualdade no presente. Sendo assim, a forma de transmissão da história pode reforçar a ideia de que, essas, sempre ocuparam um papel secundário na sociedade e de que a igualdade de gênero não é natural.

No contexto medieval, a importância do estudo reside na capacidade de revelar como as mulheres desempenhavam papéis significativos, apesar de muitas vezes serem negligenciadas nas narrativas históricas tradicionais. A inclusão de uma perspectiva crítica no currículo de história pode ajudar os alunos a reconhecer a complexidade e a diversidade das experiências femininas na Idade Média.

Além de Marta Silveira, os autores Larissa Leal e André da Silva também abordam exemplos de mulheres como Eva, Maria Madalena e Virgem Maria para discutir como essas figuras foram vistas como transgressoras das normas e expectativas da sociedade cristã medieval. Essas, de acordo com os autores, desafiaram as normas da igreja e foram consideradas fora do padrão ou inadequadas para a sociedade da época. Esses exemplos são importantes para destacar como a imagem feminina enfrentava expectativas e restrições sociais baseadas em ideias religiosas e culturais. A análise dessas leituras nos permite compreender como as linhas curriculares dos Programas Nacionais do Livro Didático (PNLDs) abordam a participação feminina na Idade Média, especialmente no que diz respeito aos estudos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, essa análise pode revelar como esses materiais didáticos lidam com outros aspectos relacionados ao preconceito e à discriminação de gênero presentes na sociedade medieval e como esses temas são abordados no contexto educacional atual.

A autora Larissa Leal no início de sua narrativa, "As várias faces da mulher no medievo", afirma com clareza que "ser mulher no medievo não havia conforto algum", como também, cita

Georges Duby (1989, p. 6), em que diz “essa Idade Média é resolutamente masculina. Pois todos os relatos que chegam até mim e me informam vêm dos homens, convencidos da superioridade de seu sexo. Só as vozes deles chegaram a mim”. Leal também aborda a estrutura burocrática da época, na qual as mulheres ocupavam uma posição inferior e eram punidas severamente caso desafiassem as normas estabelecidas. Esses aspectos ressaltam os desafios enfrentados e a revisão da historiografia para incluir suas vozes e experiências na narrativa histórica. Além disso, a autora relata a negligência da igreja, que não concedia voz nem espaço as mulheres, retratando como pecadoras e seres incapazes, exclusivamente, propriedade dos homens. Ela enfatiza o apagamento e o silenciamento das mulheres medievais na narrativa masculina, destacando figuras que escreveram sobre seus pensamentos e experiências na sociedade medieval. A exemplo, Christine de Pizan, que foi uma das escritoras laicas mais conhecidas da Idade Média, conhecida por suas obras que defendiam os direitos das mulheres e criticavam a misoginia da época. Seu trabalho teve um impacto significativo no medievo, contribuindo para a ampliação do debate sobre a posição das mulheres na sociedade e na história. Berta de Corne, embora menos conhecida, também foi uma voz importante, destacando a necessidade feminina de ter voz e expressarem suas próprias experiências e perspectivas., contudo, essas escritoras representam exemplos que iam contra as normas sociais e culturais da época, que deixaram um legado importante para a história.

> Cristina de Pisano foi a mais conhecida escritora laica da Idade Média, escreveu inúmeras obras como La mutacion de fortune, Le livre de La cite dês dames, entre outras. Sua voz feminista ecoou na sociedade Medieval, assim como a de Berta de Corne ao mencionar: “Sou mulher, não posso calar-me,/ Assim, como revelar tudo já” (REGNIER-BOHLER, 1990, p. 554)

Cristina de Pisano foi uma mulher que viveu na idade média, poetisa e filosofa, criticava a narrativa masculina presente nos meios da literatura da época, onde buscava dar voz ao papel feminino, como exemplo, o livro “O espelho de Cristina” que se tratava da educação feminina, dedicado a filha de um duque na época, onde possuíam dicas para comportamentos de mulheres de todas as classes sociais, artigos que, por vezes, relatavam os devidos e corretos comportamentos que moças, donzelas, camponesas e senhoras deveriam adotar:

> “...pois o estado real dos grandes senhores é levantado sobre os estado do mundo, é necessário que aqueles, assim homens como mulheres... sejam melhor acostumados

> que outra gente...” (p.164) [..] “Que eles possam ser, a seus súditos... espelho e exemplo de bons costumes...”

A estrutura do livro reflete a hierarquia social e os papéis atribuídos às mulheres na sociedade medieval. A divisão em "rainhas e princesas", "senhoras e donzelas" e "mulheres" sugere uma classificação com base no status e nas expectativas sociais associadas a cada categoria. Isso demonstra como eram categorizadas e definidas de acordo com sua posição social e estado civil. Outra grande obra feita por Cristina, O livro das rainhas ou cidades das mulheres, onde cria essa "cidade das mulheres", que propõe um espaço imaginário onde são valorizadas e reconhecidas por suas virtudes e realizações, em contraste com a visão tradicionalmente negativa da Idade Média, com isso, acrescenta feminilidades de importante papel para ir dando natalidade a “sua cidade”. Essa obra mostra a habilidade de Pizano em desafiar as normas de gênero e oferecer uma visão alternativa e empoderadora das mulheres.

O autor, André da Silva, em seu texto “A sexualidade e a história da mulher na idade média”, discute as influências da igreja medieval, especialmente sobre as mulheres, e como ela exerceu um forte controle sobre a sociedade. A igreja promovia um discurso que reforçava a submissão feminina, retratando-as como pecadoras e inferiores aos homens. Esse controle influenciou não apenas a sexualidade feminina, mas também seu papel social e cultural na sociedade medieval. O discurso apresentado pela igreja que:

> “...eva é a pecadora, culpada de todo o mal que ocorreu com a humanidade; Virgem Maria, a santa, assexuada, um exemplo a ser seguido e Madalena, a pecadora arrependida. Portanto, cria representações do corpo através de imagens, que se relacionam entre o poder e o imaginário, pois, “o corpo torna-se útil e eficiente, mas ao mesmo tempo torna-se dócil e submisso: o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT apud RODRIGUES, 2003: 118). Assim, a representação da mulher transmite práticas e virtudes quanto à castidade, submissão, comportamento e obediência à doutrina da Igreja.” (SILVA, 2013. p. 3-16.)

O autor enriquece seu ponto de vista em direção ao forte controle que a igreja refletia no mundo medieval, a mulher obediente, boa filha, mãe e esposa que todas deveriam ser não era mais que sua obrigação como mulher. André, ainda trás um pensamento de Jacques Le Goff, em sua obra “Uma Longa Idade Média”, que discorre a afirmativa que os comportamentos da Igreja a exemplo da mulher não pode ser descrita e guiada aos passos dos erros de Eva e Maria, e por assim, ser posicionada em um único comportamento que reflete os mitos que todas são imagens e influências destas.

Além do mais, a sociedade medieval, as mulheres eram responsáveis por cuidar de hortas, plantações e jardins, o que as tornava conhecedoras de várias ervas, frutas e plantas. Além do conhecimento em culinária, elas também tinham conhecimentos sobre plantas medicinais, sendo capazes de preparar remédios e tratamentos. No entanto, esse conhecimento foi mal interpretado pela sociedade e pela igreja, que muitas vezes as acusavam de bruxaria. Sendo assim, vistas como seres malignos que podiam usar seus conhecimentos para fazer mal aos outros, o que contribuía para sua marginalização e perseguição. Essa visão negativa era influenciada pela crença em bruxas e feiticeiras, que eram consideradas responsáveis por males como doenças, más colheitas e outros infortúnios. Esses pensamentos contribuía para a marginalização e perseguição, além de frequentemente serem alvo de acusações e julgamentos.

> "..estas mulheres chamadas de curandeiras, de um lado eram vistas como sujeitos positivos, conhecedoras dos segredos da vida e podiam ajudar. Do outro lado, eram vistas com desconfiança, devido ao medo que provocavam os seus conhecimentos e práticas. Por estes motivos, já na Antiguidade várias mulheres que tinham estas habilidades foram apontadas de praticar a feitiçaria. Prática esta que, segundo o conceito de Langer (2017) refere-se a um "conjunto de crenças e práticas mágicas do mundo rural europeu relacionadas frequentemente com a adivinhação do futuro, necromancia, controle climático, curandeirismo e artes amorosas." Percebemos assim, que estas mulheres além de ter a competência de fornecer curativos, acreditava-se, que tivessem a faculdade de manipular as pessoas, a natureza, e interceder com o sobrenatural." (STERZA, 2019. p. 20-21.)

Ao se ler o que o autor Valentino nos destaca, é mais um dos tantos pontos jogado sobre a sombra da imagem feminina no medievo. Esses estereótipos acabam influenciando na marginalização e opressão das mulheres na sociedade medieval, limitando suas oportunidades e reforçando normas de gênero discriminatórias. Essas representações são reflexo das normas e valores da época, que muitas vezes eram influenciados pela religião e pela cultura dominante.

É importante destacar que, apesar dos estereótipos negativos atribuídos ao papel feminino na era medieval, havia também mulheres fortes, e independentes. Ao estudar figuras como Eva, Maria Madalena e a Virgem Maria de forma crítica, conforme apontado por autores, é possível perceber a complexidade das experiências. É fundamental reconhecer essas diversidades de papéis desempenhados por mulheres entre os séculos V a XV, indo além das visões que as marginalizam nas narrativas. A teoria revisada revela que a participação feminina no medievo são frequentemente retratadas de forma estereotipada, como donzelas em apuros, bruxas ou santas. Essas afirmações são influenciadas por visões tradicionais que as relegam a papéis secundários e subalternos na sociedade da época. A influência da religião e cultura do contexto

também é evidente, onde as associam ao pecado, submissão ou inferioridade em relação aos homens.

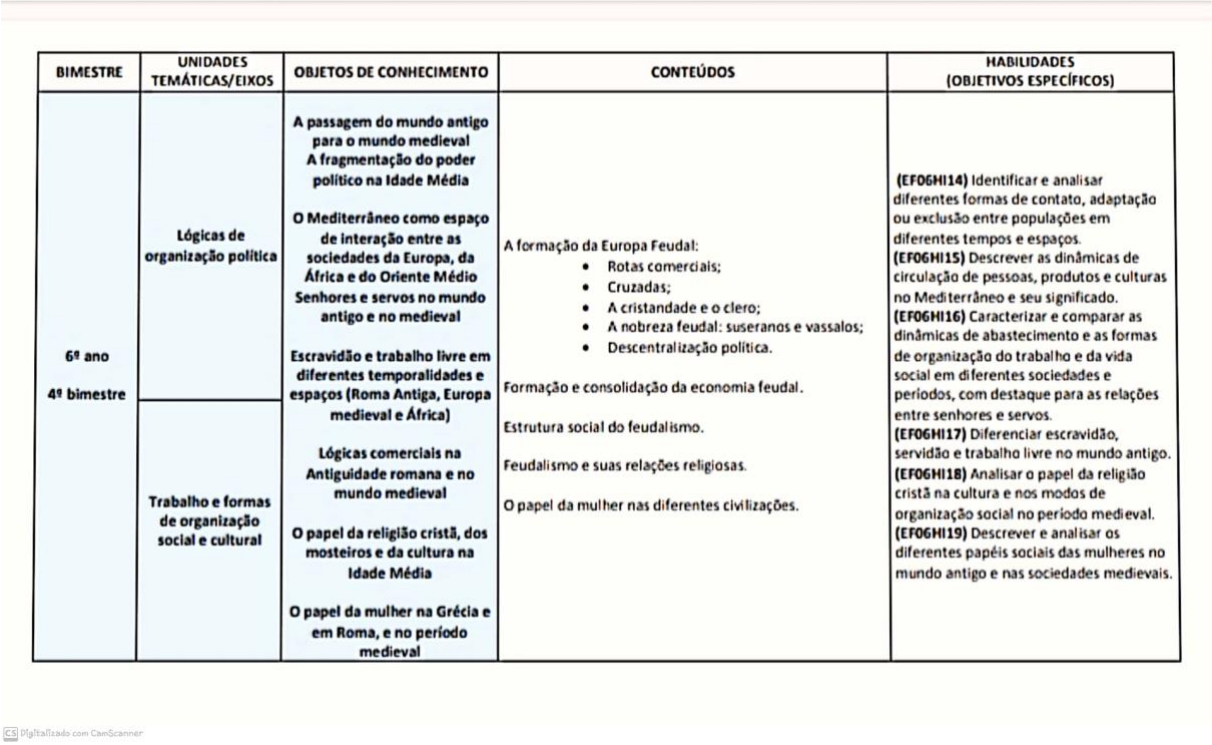
3 MÉTODOS

Nesta pesquisa, foi realizada uma análise qualitativa que se debruçou sobre três fontes principais: livros didáticos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e entrevistas com um professor. Para articular a análise dessas três fontes, foi adotado o método comparativo para relacionar as informações e identificar convergências e divergências na abordagem sobre a imagem feminina do período medieval. Esse método permitiu comparar a forma como a BNCC juntamente com os livros didáticos abordam o tema, e como as práticas pedagógicas relatadas pelo professor refletem ou contrastam com esses materiais.

3.1 BNCC E A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS DO ESTUDO MEDIEVAL.

No ano letivo de 2015, iniciou-se um debate relevante no meio acadêmico brasileiro, especialmente entre historiadores, em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) proposta pelo Ministério da Educação. A proposta gerou manifestações variadas, com artigos em jornais de grande circulação, posicionamentos de associações acadêmicas, como a Associação Brasileira de Estudos Medievais, e intensas discussões nas redes sociais. Esse debate ocorreu em um contexto de crise política e de questionamento à ordem democrática com o afastamento temporário da presidente Dilma Rousseff e a ascensão de Michel Temer. Em meio às críticas, uma nova versão da BNCC foi implementada em 2017, incluindo conteúdos voltados ao ensino da Idade Média. No entanto, no que diz respeito ao ensino de história medieval, que é o foco deste estudo, a BNCC busca apresentar conteúdos que permitam aos estudantes compreender o tempo, o espaço e a cultura de diferentes povos, contextualizando e comparando esses aspectos com o presente. No quadro a seguir, observa-se o currículo do 6º ano do ensino fundamental no último bimestre, o estudo das mulheres medievais:

Quadro de Conteúdos da Matriz Curricular de HISTÓRIA / Currículo Comum para o Ensino Fundamental de acordo com a BNCC. p. 18-33.



BIMESTRE	UNIDADES TEMÁTICAS/EIXOS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	CONTEÚDOS	HABILIDADES (OBJETIVOS ESPECÍFICOS)
6º ano 4º bimestre	Lógicas de organização política	A passagem do mundo antigo para o mundo medieval A fragmentação do poder político na Idade Média O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio Senhores e servos no mundo antigo e no medieval Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África)	A formação da Europa Feudal: • Rotas comerciais; • Cruzadas; • A cristandade e o clero; • A nobreza feudal: suseranos e vassalos; • Descentralização política. Formação e consolidação da economia feudal. Estrutura social do feudalismo. Feudalismo e suas relações religiosas. O papel da mulher nas diferentes civilizações.	**(EF06HI14)** Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços. **(EF06HI15)** Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado. **(EF06HI16)** Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos. **(EF06HI17)** Diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo. **(EF06HI18)** Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval. **(EF06HI19)** Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.
	Trabalho e formas de organização social e cultural	Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval		

Digitalizado com CamScanner

Ao observar o quadro acima, percebe-se que a BNCC define diretrizes que dão ênfase na representação de gênero. No que se refere ao papel das mulheres na Idade Média, propõe uma visão que busca desconstruir estereótipos e oferecer uma compreensão ampla sobre a imagem feminina nesse contexto. Um exemplo disso é a habilidade EF06HL19, que sugere a análise crítica das representações históricas das mulheres, para incentivar os alunos a refletirem sobre as narrativas tradicionais e a reconhecerem as experiências e contribuições dessas no medievo. No entanto, a eficácia dessas diretrizes depende de como são implementadas nos materiais didáticos e na prática pedagógica. A análise ainda revela a intenção de incluir perspectivas diversas, mas a prática pode variar dependendo dos recursos disponíveis e da formação dos professores.

> Em estudo amostral sobre a categoria gênero nos livros didáticos brasileiros entre 1910 e 2010, Mistura e Caimi (2015) concluíram que os manuais escolares apresentam extrema dificuldade em interagir com a temática de gênero, definindo papeis normativos não só aos gêneros, mas também aos sujeitos históricos, que aparecem predominantemente circunscritos aos grandes personagens (LIMA, 2012. p. 239)

O autor Douglas Lima no texto “O novo já nasce Velho” desataca a importância das políticas públicas, como a BNCC, na tentativa de ampliar os estudos da mulher medieval nos

livros didáticos, reconhecendo que esses materiais historicamente restringiram a visibilidade feminina a papéis secundários e subordinados. Essa inclusão, ainda que tímida, é fundamental para romper com uma visão homogênea e anacrônica da sociedade medieval. É preciso, contudo, observar que a abordagem dada à mulher nos livros didáticos pós-BNCC muitas vezes permanece limitada, direcionando a discussão para aspectos sociais e econômicos sem aprofundar as relações de gênero em suas complexidades. Assim, como também a autora Marta Silveira nos demostra em seu trabalho:

> [...] a BNCC não deixa de propor a necessidade de se discutir com os alunos a temática das relações de gênero. [...] A leitura da base nos indica, portanto, uma preocupação em construir com o aluno a noção de que as mulheres não foram tratadas de forma igualitária pela historiografia, lançando-as em um espaço de marginalidade, justamente por não corresponder, juntamente com os índios e africanos, ao sujeito universal masculino priorizado, desde o século XIX, pela História. (SILVEIRA, 2017: 90-91)

No entanto, esse cenário desafia educadores a promoverem uma visão crítica, que leve os alunos a refletirem sobre a multiplicidade de papéis femininos no período e a questionarem as normativas de gênero, evitando o risco de simplificar a condição feminina como apenas um reflexo do presente.

> A BNCC prevê que o estudante brasileiro do 6º ano do Ensino Fundamental adquira a habilidade: "Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais". Todavia, pelo o que foi evidenciado nos manuais escolares, ao menos em relação à Idade Média, os livros têm contribuído pouco para o alcance dessa habilidade, tanto no que diz respeitos aos enfoques dos textos, por vezes descontextualizados, quanto no que se refere ao trato com documentos escritos e imagéticos. (LIMA, 2021. p.248)

A análise de Lima (2021) introduz que é necessário um esforço para revisar os manuais escolares, garantindo que as histórias das mulheres na história medieval sejam mais completas, e contextualizadas por fontes variadas. Então assim, os estudantes possam desenvolver uma compreensão crítica dos diferentes papéis das mulheres nas sociedades medievais, atendendo assim aos objetivos da BNCC, vista que, essa é uma importante ferramenta para orientar o ensino no Brasil, e é positivo que ela tenha incluído o ensino da história medieval.

Assim sendo, é crucial que os conteúdos sejam abordados de forma aprofundada, permitindo aos alunos uma compreensão ampla do assunto. É importante que os educadores busquem complementar as diretrizes com outras fontes e atividades que possam enriquecer o aprendizado dos educandos sobre a Idade Média. Além disso, destacar as diferentes experiências de classes

sociais, assim como regiões geográficas que também poderia fornecer a compreensão dos alunos no século estudado. Além de, também, utilizar materiais complementares, como filmes, livros, podcasts, artigos, e outros para auxiliar nessa visão completa, pois ajuda na reflexão dos estudantes sobre as questões de gênero e igualdade, incentivando-os a pensar sobre como esse grupo é marginalizado na época e como esse contexto influencia nossa visão atual sobre elas.

3.2 ANALIZES DOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6° ANO SOBRE A SEXUALIDADE NA IDADE MÉDIA.

Foi analisado os livros didáticos do 6° ano do ensino fundamental, dos anos de 2020-2024 da Editora Saraiva, autores Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, e 2024-2027 da editora FTD e autor Alfredo Boulos Junior.

Consequências das Cruzadas

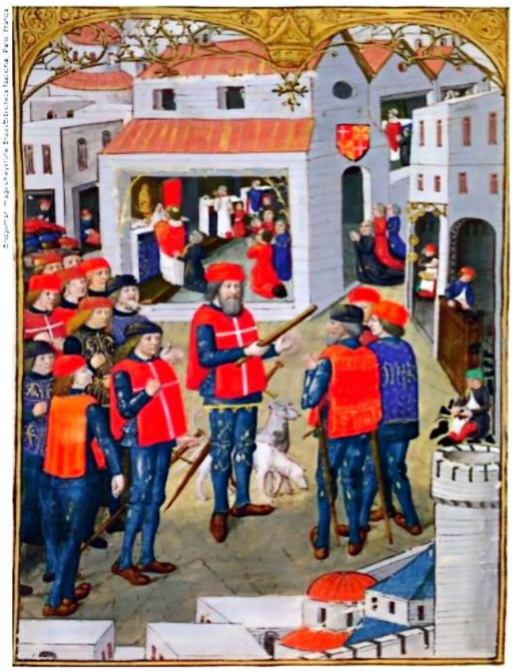
Cada Cruzada teve sua própria característica e consequência. De modo geral, podemos dizer que as Cruzadas contribuíram para:

- o empobrecimento de alguns senhores de terras, que tiveram suas economias arrasadas pelos custos das guerras;
- o fortalecimento do poder real, que aumentava à medida que os senhores feudais perdiam sua força;
- o desenvolvimento do comércio em certas regiões da Europa e do Oriente.

As conquistas cristãs no Oriente duraram pouco, pois os territórios foram sendo reconquistados pelos muçulmanos a partir do século XIII. Os ressentimentos entre cristãos e muçulmanos permanecem até hoje e ainda são usados com objetivos políticos.

Mulheres na Idade Média

Durante a Idade Média, a situação das mulheres variou muito, de acordo com a época, o lugar e a condição social.



De modo geral, as mulheres eram menos valorizadas do que os homens, sendo consideradas frágeis, emotivas e instáveis. Esses julgamentos foram usados como justificativa para a dominação masculina. Eram os homens que controlavam importantes instrumentos de poder, como a Igreja, a guerra e os feudos.

Além disso, em uma sociedade profundamente influenciada pela Igreja, alguns pensadores cristãos defendiam uma interpretação da Bíblia desfavorável às mulheres. Para eles, Eva havia cometido o pecado original, trazendo a maldade e a imperfeição ao mundo. Entretanto, a partir do século XI, desenvolveu-se o culto a Maria, "mãe de Cristo", considerada santa e redentora. As duas figuras contrastantes marcaram o imaginário ocidental acerca da mulher.

Representação, de 1553, dos cavaleiros da Ordem de São João se preparando para impedir que tropas do Império Otomano controlassem a ilha de Rodes, na atual Grécia. Biblioteca Nacional da França, Paris.

220

Digitalizado com CamScanner

Assim como na Grécia e na Roma antigas na Idade Média predominava o ideal de que as mulheres deveriam desempenhar os papéis de esposa e de mãe, exercendo funções como fiar, bordar, cuidar das crianças e da casa.

Porém, no dia a dia, as mulheres não ficavam limitadas à vida doméstica. Elas participavam de várias atividades e, por isso, podiam ser encontradas nas ruas e praças, nos mercados, nas feiras e nas oficinas artesanais.

Protagonismo feminino

Apesar das dificuldades enfrentadas durante o período medieval, houve mulheres que administraram feudos, oficinas artesanais, comércios e que se dedicaram a atividades intelectuais, atuando como bibliotecárias, professoras e copistas, sobretudo em mosteiros femininos.

Também houve figuras femininas que se destacaram na vida social. Entre elas, podemos citar a religiosa Catarina de Siena (1347-1380), a escritora Cristina de Pisano (c. 1364-1430) e a guerreira Joana d'Arc (c. 1412-1431).

- **Catarina de Siena** – era membro da ordem dominicana e desempenhou um importante papel público e político na sua época. Ela queria reformar a Igreja, promover a paz na península Itálica e fortificar a Europa, ainda que fosse por meio das Cruzadas.
- **Cristina de Pisano** – escreveu obras literárias e filosóficas, nas quais defendia os direitos das mulheres. No *Livro da Cidade de Senhoras*, por exemplo, a autora criou uma cidade fictícia que era habitada por mulheres famosas da história.
- **Joana d'Arc** – liderou uma tropa francesa na Guerra dos Cem Anos, entre França e Inglaterra. Sua tropa venceu a Batalha de Orléans, feito que foi decisivo para o fim da guerra. Por razões políticas e religiosas, foi acusada de praticar bruxaria e condenada à morte na fogueira em 1431, aos 19 anos de idade. No século XX, ela foi canonizada pela Igreja católica e tornou-se padroeira da França.



Cena do filme Joana d'Arc, de 1999, dirigido por Luc Besson, que conta a história de Joana d'Arc e sua atuação na Guerra dos Cem Anos.

Digitalizado com CamScanner

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. História Global. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2020. p. 220-221.

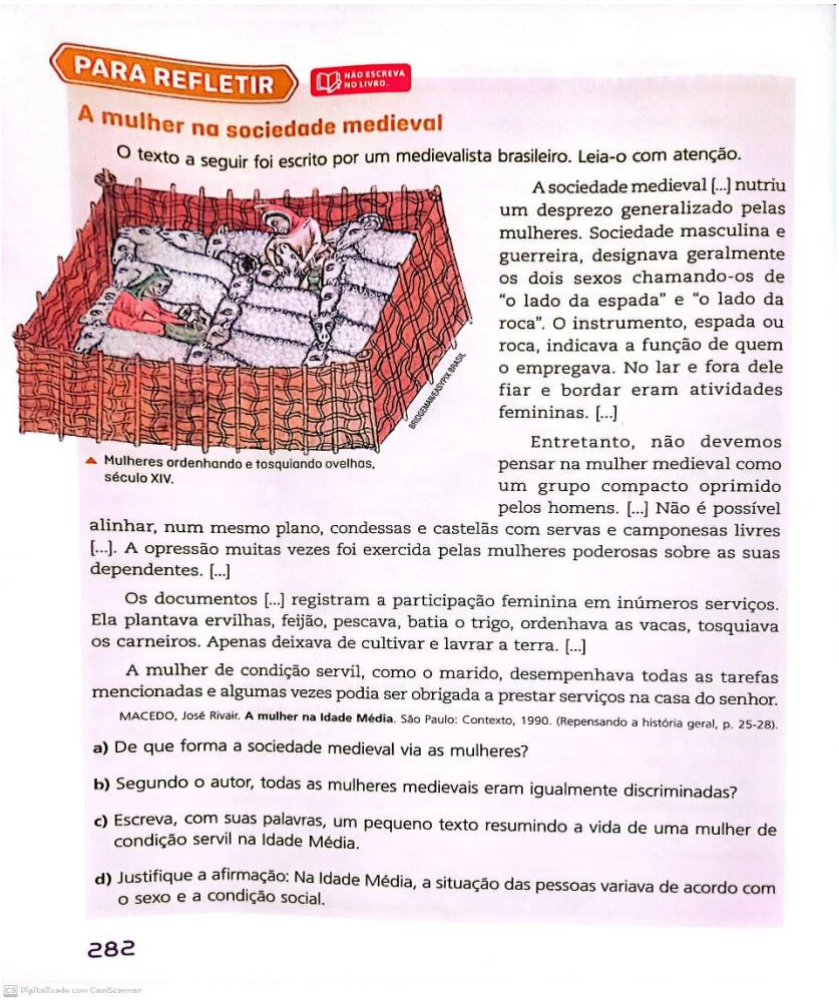
Nas página 220 o autor faz um breve resumo da visão subalterna que a mulher era vista, já na página 221, é introduzido rapidamente o nome de Carolina de Siena, Cristina de Pizano e Joana D'Arc. Por fim, após a análise do livro 2020-2024, constatou-se que apenas algumas páginas abordam as mulheres, tanto do período medieval quanto em outros períodos. As páginas 97, 105, 118, 147, e 178 as mencionam de maneira geral, enquanto apenas as páginas 220 e 221 destacam especificamente as mulheres do medievo. Dentre as 248 páginas do livro, é importante notar que apenas 7 páginas fazem menção de grupos femininos em diferentes povos e culturas.

> A quarta obra analisada é Historiar, de autoria de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues. Estes ignoram completamente o tema da condição feminina na sociedade medieval ocidental no texto base. Parece que simplesmente para cumprir a exigência da existência de tal conteúdo no livro

> didático, estabelecida pela BNCC, os autores delegam a ele um espaço em uma sessão de atividades, intitulada Oficina de História. A questão proposta consiste na leitura de um trecho da obra História da Vida Privada (1990), organizada por Geoges Duby e Philippe Ariés referente à educação dos jovens durante a Alta Idade Média, seguida de quatro questões que versam sobre o tema proposto, sendo que a última questão tem o seguinte enunciado: DzO texto trata da educação dos rapazes e não das moças. A educação era diferente para os homens e para as mulheres. Isso acontece hoje em dia? Dê a sua opinião e explique suas respostas". (SILVEIRA, 2017. p. 103.)

A autora critica a abordagem superficial da obra Historiar, que negligencia a condição feminina na sociedade medieval ao relegá-la a uma seção de atividades para atender às exigências da BNCC, sem integrá-la ao texto principal. Essa prática reflete uma falta de comprometimento com a representatividade de gênero e uma oportunidade perdida de promover uma análise histórica crítica e inclusiva, perpetuando uma visão limitada e androcêntrica da história medieval.

Já no livro 2024-2027, observou-se que as únicas páginas que mencionam as mulheres de forma geral, tanto no período medieval quanto em outros períodos, são as páginas 280 e 281. Somente a página 282 destaca as do medievo, no tópico intitulado "Para Refletir", onde possuem uma citação do autor José Macedo, onde faz discurso sobre a visão do medievo sobre as mulheres, em resumo, estereótipos e inferioridade. E ainda abre espaço para perguntas que ao invés do aluno repensar essas visões, permiti ainda mais o olhar limitado. Entretanto, considerando que o livro possui 288 páginas, é importante destacar que apenas 3 páginas discutem o papel feminino em diferentes povos e culturas, e isso ainda em formato de curiosidade.



PARA REFLETIR

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

A mulher na sociedade medieval

O texto a seguir foi escrito por um medievalista brasileiro. Leia-o com atenção.

▲ Mulheres ordenhando e tosquiando ovelhas, século XIV.

A sociedade medieval [...] nutriu um desprezo generalizado pelas mulheres. Sociedade masculina e guerreira, designava geralmente os dois sexos chamando-os de "o lado da espada" e "o lado da roca". O instrumento, espada ou roca, indicava a função de quem o empregava. No lar e fora dele fiar e bordar eram atividades femininas. [...]

Entretanto, não devemos pensar na mulher medieval como um grupo compacto oprimido pelos homens. [...] Não é possível alinhar, num mesmo plano, condessas e castelãs com servas e camponesas livres [...]. A opressão muitas vezes foi exercida pelas mulheres poderosas sobre as suas dependentes. [...]

Os documentos [...] registram a participação feminina em inúmeros serviços. Ela plantava ervilhas, feijão, pescava, batia o trigo, ordenhava as vacas, tosquiava os carneiros. Apenas deixava de cultivar e lavrar a terra. [...]

A mulher de condição servil, como o marido, desempenhava todas as tarefas mencionadas e algumas vezes podia ser obrigada a prestar serviços na casa do senhor.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990. (Repensando a história geral, p. 25-28).

a) De que forma a sociedade medieval via as mulheres?

b) Segundo o autor, todas as mulheres medievais eram igualmente discriminadas?

c) Escreva, com suas palavras, um pequeno texto resumindo a vida de uma mulher de condição servil na Idade Média.

d) Justifique a afirmação: Na Idade Média, a situação das pessoas variava de acordo com o sexo e a condição social.

282

Digitalizado com CamScanner

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História e Reflexão. 1. ed. São Paulo: FTD, 2024. p. 282.

Sobre a página a cima, o autor, Douglas Lima critica a maneira como o livro História, Sociedade & Cidadania de Alfredo Boulos Júnior aborda o papel das mulheres na Idade Média. Lima(2021) argumenta que o capítulo sobre o feudalismo inclui uma seção para refletir sobre a condição feminina, mas se limita a reproduzir citações de outras obras, principalmente A mulher na Idade Média, de José Rivair Macedo, e um artigo de Maria Filomena Nascimento. Essa abordagem utiliza o conceito de "autoridade acadêmica" para apresentar uma visão unificada e simplificada da condição feminina no período medieval, sem explorar a complexidade e a diversidade de papéis e experiências que as mulheres tiveram.

A crítica é que, embora o livro de Boulos Júnior trate da opressão feminina na Idade Média de forma historicamente válida ao abordar aspectos como o desprezo generalizado e a subordinação social das mulheres, essa perspectiva acaba sendo limitada. Ao enfatizar apenas a visão da opressão e desprezo, sem contextualizar as variações entre as classes e os diferentes papéis sociais femininos (como o contraste entre condessas e servas), o autor do livro escolar

não considera a diversidade das experiências femininas na Idade Média. Essa generalização pode, portanto, reforçar estereótipos ao invés de oferecer uma compreensão mais ampla e crítica sobre o tema.

> sendo emblemática a pergunta: “a) De que forma a sociedade medieval via as mulheres?”; com a resposta sugerida: “A sociedade medieval desprezava as mulheres”.
>
> [...]
>
> Nota-se que o livro de Boulos Júnior, tal como a obra Vontade de Saber, usa do recurso de autoridade acadêmica para construir uma abordagem unívoca acerca da mulher medieval, visão que por mais que esteja correta historicamente, não contempla a diversidade dos papeis sociais e da condição feminina do período. (LIMA, 2021. p. 246 - 247)

Ambos os livros refletem uma abordagem limitada e marginalizada em relação às mulheres, tanto em termos gerais quanto no contexto medieval. No livro de 2020, embora a representação feminina seja mais presente, ainda é insuficiente. Já no livro de 2024, aparece de forma ainda mais reduzida, apresentada apenas como uma "curiosidade" com conteúdo escasso. Ao trabalhar com esses materiais em sala de aula, será que os alunos conseguiriam formar uma compreensão dessas figuras em modo geral, além dos estereótipos? O imaginário seria de submissão, dona de casa, boas esposas e ligadas à igreja? E as meninas? Que imagem elas levariam para sua consciência ao utilizarem esses livros didáticos?

No artigo A História Medieval nos Livros Didáticos pelas "Lentes" da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, de Rafaela Limberger e Gabriela Schwengber, as autoras exploram a representação da Idade Média nos livros didáticos brasileiros com enfoque nas questões de gênero e na história das mulheres. As autoras analisam materiais didáticos frequentemente utilizados no ensino fundamental e médio, investigando de que forma a presença feminina e as questões de gênero são tratadas.

> [...] foi realizado um levantamento prévio inicial de capítulos que se direcionavam para a história medieval de cinco livros didáticos de História, tanto de Ensino Fundamental quanto de Ensino Médio, dos quais se teve acesso durante os períodos de estágio da graduação. Sendo esses: Jornadas.hist (2012) de autoria de Maria Luisa Vaz e Silvia Panazzo; História Hoje (2007) de Odimar Pontes Cardoso; História Volume Único (2008) de autoria de Gislaine Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, História Sempre Presente (2010), de Lizânea de Souza Lima e Antônio Pedro e, por fim, História em Movimento Vol. 1 (2013), de Gislaine Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi. (LIMBERGER & SCHWENGBER, 2020. p. 133)

As autoras analisam se livros didáticos incluam referências às mulheres na Idade Média, e se essas representações são, muitas vezes, limitadas e unidimensionais, focando principalmente em temas como a submissão e a opressão feminina, e não exploraram a diversidade e complexidade das vivências das mulheres medievais.

> Entende-se que a abordagem acerca da história das mulheres no período medieval nos livros didáticos é ainda razoavelmente escassa. Compreendendo o livro didático como um agente que, na prática, acaba por fazer o papel de direcionador e organizador do currículo escolar, considera-se importante que professoras e professores que atuam no ensino fundamental e médio tenham em mente a possibilidade de sempre problematiza-lo, complementá-lo e contrapô-lo às diferentes e diversas realidades e contextos escolares. (LIMBERGER & SCHWENGBER, 2020. p. 134)

Os estudos de Limberger e Schwengber indicam que os livros didáticos, em geral, tendem a reforçar uma visão homogênea e simplista da mulher medieval, omitindo variações entre classes e ignorando papéis femininos que extrapolam o estereótipo da passividade. As autoras defendem a necessidade de uma abordagem mais crítica e inclusiva, que valorize a diversidade de experiências femininas e ofereça aos alunos uma compreensão mais completa da história medieval. Assim também, como a autora Marta Silveira, A Representação da Mulher Medieval nos Livros Didáticos: Uma Visão Comparativa, examina como as mulheres da Idade Média são retratadas em materiais didáticos, especialmente nos livros utilizados nas escolas brasileiras. A autora faz uma análise comparativa das representações femininas nesses livros, observando que, muitas vezes, elas são apresentadas de forma simplificada, passiva ou limitada ao papel de submissão.

> [...] as discussões em torno da história das mulheres medievais e das relações de gênero mostram-se ainda embrionárias nos livros didáticos e, em geral, descoladas de uma análise contextual, não oferecendo ao aluno, portanto, os elementos necessários para que possa identificar a forma como as mulheres eram vistas no contexto medieval sem cair nos perigos do anacronismo e para compreender a maneira como as relações de gênero são construídas historicamente. Comparar as mulheres medievais com as mulheres contemporâneas é um exercício interessante e necessário, no entanto, não é válido para a constituição dos cidadãos brasileiros se for alimentado por noções de vitimização ou de supervalorização do papel feminino. (SILVEIRA, 2017. p. 106.)

Portanto, a análise dos livros didáticos sobre a mulher na Idade Média revela uma abordagem limitada e parcial, que tende a reforçar estereótipos de submissão e passividade, sem oferecer uma visão abrangente e contextualizada da diversidade de experiências femininas no período medieval. A menção esporádica e superficial às figuras femininas e à condição da mulher reflete uma visão simplista que, em vez de enriquecer a compreensão dos alunos, acaba por reforçar

um imaginário limitado e estigmatizado. Essa abordagem negligencia as nuances da vivência feminina medieval, ignorando a complexidade dos papéis sociais e das relações de gênero. Assim, é essencial que educadores considerem o uso de materiais complementares e enfoques críticos para desafiar esses estereótipos e promover uma reflexão mais profunda sobre o papel das mulheres na história. A valorização de uma narrativa inclusiva e diversificada é fundamental para que os estudantes desenvolvam uma compreensão completa da história, livre de anacronismos e generalizações redutoras.

3.3 QUESTIONAMENTO ABORDADO AO PROFESSOR SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL BASEADO NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER.

Em uma pesquisa diretamente com o professor de história, da escola Professor Galvão e Rosa Athayde, escolas essas, localizadas na cidade de Augusto Corrêa, no estado do Pará, Alcides Junior, licenciado pleno e bacharel, formado na Universidade Federal do Pará-UFPA, no ano de 2002, e especializado em Metodologia Do Ensino da História, pela Facinter (Ibepex), no ano de 2005, onde foi levantado questões a este, sobre suas aulas de História medieval em relação a mulher, para serem apresentadas dentro do convívio com os estudantes do ensino fundamental. Sendo assim, foi dialogado com o Professor de história, atualmente das escolas de ensino fundamental maior Rosa Athayde e ensino médio na esfola Professor Galvão. Elaborando-se alguns questionamentos ao referido, perguntas a cerca de como costuma utilizar o livro didático em suas aulas, onde respondeu que: “normalmente usa, mas não tanto com frequência”. Também foi questionado se durante suas aulas, relacionadas ao período medieval, costumava falar sobre o papel das mulheres dentre este período, sua resposta foi dita que: “sim, mulheres camponesas, que labutavam nas terras senhoriais com seus esposos e filhos, mulheres perseguidas pelo Santo Ofício, acusadas de bruxaria, mulheres nobres que recorriam aos conventos, mulheres que se dedicavam a ofícios como a tecelagem, mulheres que viviam em uma sociedade patriarcal.”. Foi indagado também, sobre no ponto de vista deste, quem era a mulher na Idade Média? O historiador respondeu:

> “Penso que tais mulheres, apesar de estarem inseridas em um ambiente machista e patriarcal, que por vezes lhe associava à figura tentadora de Eva e do pecado original, não eram vítimas passivas de uma opressão imutável, pois muitas ocupavam tarefas externas ao lar, herdavam negócios após a morte do esposo , outras , para fugir de uma

> espécie de ócio confinado da nobreza, preferiam o convento onde podiam até vislumbrar um certo poder e influência.. Enfim, haviam mulheres que não se deixavam oprimir pelo sistema patriarcal existente naquele momento.” (JUNIOR, Alcides. 17 de maio de 2024).

Além disso, outro questionamento foi a respeito de quais métodos ele costuma aplicar em suas aulas do 6°ano para os alunos, este respondeu: “Costumo fazer exposições de desenhos feito pelos próprios alunos após finalizar minha explicação, além disso, faço semelhanças das mulheres do período com as mulheres contemporânea para eles verem como temos muito no presente.”. É interessante ver como o professor Alcides Junior aborda o papel das mulheres na Idade Média em suas aulas de história. Ele parece ter uma visão abrangente, destacando as diferentes experiências e papéis desempenhados pelas mulheres nesse período, desde camponesas até mulheres nobres e aquelas perseguidas pela Inquisição. Essa abordagem diversificada pode contribuir para uma compreensão mais completa e realista do papel das mulheres na sociedade medieval. Em meio a este diálogo, o principal interesse, seria a etapa do que de fato, relacionado a estas reflexões decorrentes à essa leitura, o educador espera que os alunos aprendam e levem para seu senso crítico, além de como contextualiza as mulheres deste período com as mulheres do presente, a vista que, o intuito é desconstruir o retrato único destas nos documentos que contém a bibliografia do percurso de formação e aprendizagem dos educandos. Contudo, ainda existe nos materiais didáticos a desigualdade forte de gênero, debates seriam cabíveis, relacionados às diferentes temáticas envolventes as mulheres, racionalizando de forma analítica, em destaque aos conceitos femininos que também tenham espaço e voz para se posicionar dentro de seus direitos, o recinto de suas particularidades e relações humanas como qualquer outro ser vivente, um ser polissêmico de extrema significância as raízes, um ente fundamental na história humana. Pois, as mulheres pertencentes ao mundo medieval destaca até hoje, uma forte influência em como é relevante não se oprimir diante de uma imagem espelhada em servidão e subalternas.

Entretanto, como referência, podemos citar Joana D’Arc, que foi uma camponesa francesa que, aos 19 anos, liderou tropas durante a Guerra dos Cem Anos, ajudando a França a expulsar os ingleses e a coroar Carlos VII. Afirmando receber visões divinas, tornou-se um símbolo de resistência e fé. Capturada pelos ingleses, foi condenada por heresia e queimada em 1431. Sua história é importante nas salas de aula para discutir o papel das mulheres na história, a relação entre religião e política e a construção de mitos nacionais, além de promover reflexões sobre

justiça e poder. Por fim,, exemplos de mulheres que lutaram pelos seus direitos e conquistaram posições importantes na sociedade.

Pode se concluir, que o professor aborda as mulheres no ensino de história medieval de maneiras variadas. No geral, alguns professores podem estar conscientes dos estereótipos e preconceitos presentes nos materiais educacionais e buscam formas de promover uma educação diversa, reflexiva e inclusiva. Isso pode envolver a utilização de recursos complementares, como textos, filmes, e outras fontes que ofereçam uma visão realista das experiências das mulheres medievais. Além disso, os professores podem incentivar discussões em sala de aula que estimulem os alunos a questionar e refletir sobre as imagens de mulheres da Idade Média, propondo, assim, uma nova compreensão dos múltiplos trajetos e a luta por igualdade de gênero que, ainda no medievo, estavam ativas.

4. DISCUSSÃO: INTERSEÇÕES ENTRE BNCC, LIVROS DIDÁTICOS E PROFESSOR

A análise das diretrizes da BNCC, dos livros didáticos e da entrevista com o professor revela um panorama complexo da representação das mulheres na história medieval. Embora as diretrizes apresente conteúdos que visam promover uma abordagem de inclusão e crítica em relação ao gênero feminino, a prática real revela uma discrepância notável. No entanto, os livros didáticos analisados mostram uma implementação limitada dessas diretrizes. A presença marginalizada das mulheres e a escassez de conteúdos dedicados às suas experiências no medievo indicam que as intenções da BNCC nem sempre são refletidas na prática educativa. O texto "reflexões sobre o medievo", elaborado por Salomão Igor Texeira e Nilton Mullet Pereira, aborda o ensinamento medieval de suma importância na contribuição do conhecimento histórico, em parte, é apontado críticas constantes no que destaca a relevância do ensino medieval para o conhecimento histórico, mas, aponta críticas constantes sobre como esse período é olhado. Esse tipo de reflexão é fundamental para melhorar a forma como a Idade Média é ensinada e compreendida.

> "Consideramos que a aula de história pode sim se nutrir das "reminiscências medievais", de modo a estudar as diferentes formas através das quais o passado medieval reaparece sob outras roupagens na sociedade atual. Ao mesmo tempo, a "medievalidade" se apresenta como o que é

> objeto da crítica, que faz parte das aulas de História, mas que é descontruída constantemente pela crítica da medievalística". (TEXEIRA & PEREIRA, 2016. p.21.)

Compreende-se, que estudar o contexto dos séculos V a XV, trás as raízes de um período onde leva o educando a obter um senso crítico deste momento, podendo se entender das adequações compostas no medievo.

No entanto, a implementação prática dessas diretrizes ainda enfrenta desafios significativos, refletidos na abordagem limitada observada nos livros didáticos analisados. Entretanto, os PNLDs (Programa Nacional do Livro Didático), tanto da Editora Saraiva quanto da Editora FTD, apresentam uma representação feminina marginalizada, resultando em uma visão reduzida e, por vezes, superficial do papel das mulheres na Idade Média. A escassez de conteúdo, sendo abordado como "curiosidade", indica o mínimo do que poderia ser melhor repensado, além de possíveis visões marginalizadas. Os livros examinados demostram uma abordagem desigual e frequentemente superficial da representação de gênero na Idade Média. O livro da Editora Saraiva (2020-2024) inclui algumas páginas que mencionam as mulheres, mas de maneira limitada e generalizada. O livro da Editora FTD (2024-2027) oferece uma perspectiva ainda mais reduzida, com apenas algumas páginas dedicadas ao tema. Essa limitação no conteúdo pode gerar ideias errôneas e impedir uma compreensão abrangente das experiências femininas no medievo.

> "Tendo em vista esses aspectos, escolheu-se trabalhar com a temática das mulheres medievais por se tratar de uma questão que atinge diretamente professoras, estudantes, meninas e mulheres, e indiretamente aos professores, homens, meninos, que vivem o cotidiano escolar. Pois é necessário que os profissionais da área da educação explorem em sala de aula a agência das mulheres em diferentes conteúdos e contextos históricos abordados, para que os discentes possam construir o conhecimento de forma mais crítica, tanto no ensino básico quanto no superior." (LIMBERGER & SCHWENGBER, 2020. p.134.)

As autoras analisam a forma como os livros de história dos anos de 2007 a 2013, estão escassos em conteúdos femininos no medievo, afirmam ainda, sobre a neutralidade presente, e que os professores não podem se prender apenas no livro, tentar problematizar essas questões e trazer novos suportes sobre este assunto para dentro de sala, onde possa relacionar este contexto com o presente, além de serem "sujeitos ativos", como mencionado pelas autoras, que fundamentam o contexto medieval. O texto destaca a importância de abordar a agência das

mulheres em diferentes contextos históricos, incluindo o medieval, para promover uma construção crítica do conhecimento por parte dos estudantes. Isso é relevante não apenas para as mulheres, mas também para os homens, visto que todos estão envolvidos no contexto escolar.

Essa permanência de diferenças de gênero reflete uma visão da Idade Média como uma "Idade dos Homens" como apontado por Georges Duby (1989: 15) a Idade Média é um período masculino, excluindo ou marginalizando as contribuições e a presença das mulheres nesse contexto. Sendo assim, esse pensamento nos demostra a necessidade revisão na forma como a história feminina é apresentada nos materiais educacionais, a fim de promover uma ótica precisa da sociedade medieval. Ao explorar a história das mulheres de forma ampla e detalhada, os educadores podem, sem dúvidas, contribuir para uma educação positiva, tanto no ensino básico quanto no superior.

Por outro lado, a prática pedagógica do professor Alcides Junior demostra um esforço para abordar a complexidade das experiências femininas na Idade Média, incluindo uma variedade de papéis e contextos. Sua abordagem sugere uma tentativa de superar as limitações dos materiais didáticos por meio de métodos pedagógicos que buscam conectar o passado com o presente e incentivar a reflexão dos alunos. O professor tenta usar práticas pedagógicas para reverter essa visão, mostra uma perspectiva realista e diversificada em suas aulas de história, destacando diferentes experiências e papéis femininos desempenhados no medievo. Ao explorar figuras femininas, entende-se a importância de um ensino amplo, que reconheça e valorize as várias experiências das mulheres na era medieval. O uso de métodos pedagógicos, como exposições de trabalhos dos alunos e comparações com o presente, demostra uma tentativa de conectar o passado com o presente e estimular o novo olhar dos alunos. Essa prática é positiva, mas ainda enfrenta desafios devido à escassez de recursos didáticos adequados.

Em suma, a análise revela a cautela de revisar e enriquecer os materiais didáticos e as práticas pedagógicas sobre a história medieval. Que no entanto, estudar as mulheres medievais no 6º ano do ensino fundamental é crucial para desafiar ideias antiquadas e ampliar a visão dos educandos sobre o papel e as contribuições na sociedade medievalesca. Incorporar a multiplicidade das experiências femininas ajuda a desmistificar a ideia de submissão e passividade, revelando a complexidade e a agência dessas na Idade Média.

Sendo assim, a formação continuada dos professores e o desenvolvimento de recursos complementares, como filmes e artigos, são essenciais para superar limitações dos materiais didáticos. Para um ensino inclusivo, educadores e responsáveis por currículos devem alinhar as diretrizes da BNCC com a prática real, promover debates críticos e utilizar uma variedade de

fontes e atividades. Incluir figuras femininas proeminentes e discutir as condições de vida de mulheres de diferentes classes sociais e regiões contribuem para a compreensão dos alunos e para que o ensino da história medieval seja verdadeiramente inclusivo e representativo, é crucial que os conteúdos e abordagens pedagógicas sejam constantemente revisados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o estudo revela que, apesar da BNCC incluir perspectivas de gênero, a apresentação das mulheres na história medieval ainda é estereotipada nos livros didáticos, que por vezes influenciam nas práticas pedagógicas. Embora as diretrizes proponham temas femininos, a implementação dessas instruções nos livros didáticos é limitada. A marginalização e a superficialidade no contexto do gênero nos materiais analisados evidenciam a necessidade de revisão dos recursos didáticos e cabe ao educador a adoção de medidas pedagógicas que valorizem, adequadamente as contribuições femininas. Em apoio a essa necessidade, Jacques Le Goff destaca que a Idade Média foi um período de formação da sociedade moderna, estabelecendo instituições e conceitos fundamentais para a era contemporânea. Portanto, estudar entre os séculos V a XV é crucial para entender nossas raízes e a evolução histórica. A inclusão de histórias femininas no currículo do 6º ano pode auxiliar os alunos na reflexão sobre igualdade e respeito, além de combater preconceitos de gênero.

Para enriquecer a experiência de aprendizado, recomenda-se a formação continuada dos professores e a atualização dos recursos didáticos. O estudo ainda reconhece limitações, como a amostra restrita de livros didáticos e a perspectiva de um único professor, e o sugerido é que futuras pesquisas incluam uma gama maior de materiais e perspectivas docentes, além de avaliar o impacto das mudanças curriculares na percepção dos alunos.

Este trabalho pode contribui para a compreensão das lacunas no ensino da história medieval dando enfoque para ótica feminina e propõe práticas pedagógicas que abrangem novas ferramentas para manter a pluralidade no espaço escolar. Sendo assim, inclui métodos de aprendizado variados, como filmes, debates e diversas fontes além dos livros didáticos, que permitirá aos alunos explorar temas complexos e desenvolver senso crítico mais aguçado. Portanto, destacar figuras femininas históricas inspiradoras oferece modelos para desafiar o mundo medievalesco de normas de gêneros e promover mudanças positivas na sociedade.

Portanto, uma abordagem pedagógica para o ensino da história medieval deve focar na desconstrução de estereótipos e na valorização das diversas experiências femininas. Em conclusão, é fundamental que os professores usem uma variedade de recursos didáticos e estejam atentos aos preconceitos presentes nos materiais educacionais, e que assim deem espaços a uma educação igualitária para os alunos sobre o papel das mulheres na Idade Média para o 6º ano do ensino fundamental, permitindo ampliar a visão dos estudantes sobre a diversidade de experiências históricas e quebrar estereótipos. Tradicionalmente, a história ensinada nesse período tende a focar nos grandes feitos de reis, nobres e guerreiros, deixando de lado a presença e a contribuição feminina. No entanto, ao incluir a atuação feminina nesse contexto, os alunos podem compreender que as mulheres, embora muitas vezes invisibilizadas, tiveram papéis relevantes em diferentes esfera. Por meio dessa ampliação de horizontes, o ensino da história se torna mais enriquecedor, engajando os estudantes em discussões relevantes para sua formação ética e social, além de promover uma educação que valoriza a diversidade e o respeito às múltiplas vozes na história.

REFERÊNCIAS

BROCHADO, Claudia. A Queirelle Des Femmes e a política sexual na Idade Média. Brathair, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2019.

BROWN, Peter. O corpo e a sociedade: homens, mulheres e renúncia sexual no início do cristianismo. 2. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.

CARRUTHERS, Mary. A arte da memória. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

COSTA, Marcos & COSTA, Rafael. Mulheres Intelectuais na Idade Média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Historiar. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 24.

DUBY, Georges. Idade Média, Idade dos Homens: Do amor e outros ensaios. (1989: 15)

HISTORIAR_6ano_PNLD2020_PR.pdf. Historiar, ensino fundamental. Anos finais. Componente Curricular de História. Editora Saraiva, 3° edição, 2018.

História_sociedade_e_ciadadania_6°ano.pdf.

LEAO, Naiara. Feministas medievais? As mulheres que buscaram independência com a religião, Portal AzMina, Publicado em 11/07/2021. Disponível em:

https://www.plurale.com.br/site/noticiasdetalhes.php?cod=16248&codSecao=10&oMnu=especiais&sub=mulher . Acesso em: 15/05/2022.

LE GOFF, Jacques. A civilização do Ocidente medieval. 9. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

LE GOFF, Jacques. Pará um novo conceito de Idade Média. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

LE GOFF, Jacques. Uma Longa Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEAL, Larissa. As várias faces da mulher no medievo. Edição nº 03, Dezembro de 2021. Site: www.uems.br/lem

LIMA, Douglas. O NOVO JÁ NASCE VELHO: A idade média pós BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos de história no guia PNLD-2020. Brathair, Porto Alegre, v. 21, n. 1, 2021, p. 249-255.

LIMBERGER, Rafaela & SCHWENGBER, Gabriela. A HISTÓRIA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS PELAS "LENTES" DA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS ESTUDOS DE GÊNERO – NOTAS INICIAIS DE PESQUISA. Formação de professores em revista, v. 1, n. 1, jan./jun. 2020, p. 134-146.

LIMBERGER, Rafaela e col. SCHWENGBER. A HISTÓRIA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS PELAS "LENTES" DA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS ESTUDOS DE GÊNERO. Form@ção de Professores em Revista, Taquara, v. 1, n. 1. Jan./Jun. De 2020. p.143 – 144.

PERNOUD, Régine. As mulheres na Idade Média. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

QUADRO de Conteúdos da Matriz Curricular de HISTÓRIA / Currículo Comum para o Ensino Fundamental de acordo com a BNCC. p. 18-33.

REGNIER-BOHLER, 1990, p. 554.

RIBEIRO, Silvana. RETRATOS DE MULHER. Construções sociais e representações visuais do feminino, 1° edição, Agosto de 2005.

RODRIGUES, Amanda. & PEREIRA, Nilton. As trobairitz irrompem no banquete de Sócrates: Ensino de História, idade média e imaginação na aprendizagem. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022.

SANTOS, Dulce. Caminhos e atalhos da historiografia sobre as mulheres medievais. História Revista, 1996.

SILVA, André. SEXUALIDADE E A HISTÓRIA DA MULHER NA IDADE MÉDIA: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. Revista Eletrônica História em Reflexão, 2013. v. 7, n.14, p. 3-16.

SILVEIRA, Marta. A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa. Revista História Comparada, do Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2017. p. 81-106.

STERZA, Valentino. PLANTAS MÁGICAS NO MEDIEVO: MULHERES, MAGIA E IGREJA. 2019. p. 20-21.

TEXEIRA, Salomão & PEREIRA, Nilton. A idade média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC. Diálogos-Revista do departamento de história e do programa de Pós-Graduação em História, v. 20, n. 3, 16-29, 2016, p. 21.

TREVISAN, Mariana & LIMA, Douglas. Pelo pão de cada dia: mulheres medievais, trabalho e ensino de história. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 16, n. 30, jan. - jun. 2022.

.